

LOVE IS

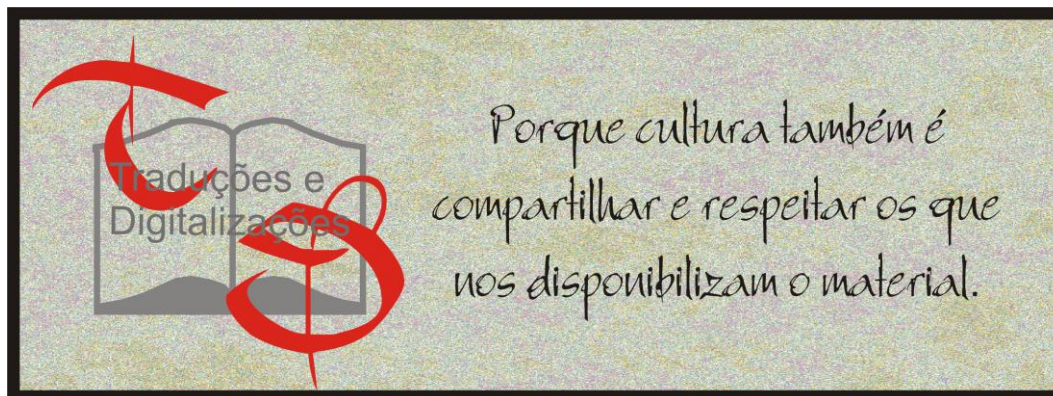


Hell



Melissa Marr Scott Westerfeld

Justine Larbalestier Gabrielle Zevin



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital



FEITO POR:

Andyinha Bitty

Mary Fleury



LOVE IS
Hell

MELISSA MARR

SCOTT WESTERFELD

JUSTINE LARBALESTIER

GABRIELLE ZEVIN

LAURIE FARIA STOLARZ



Sleeping with the Spirit

LAURIE FARIA STOLARZ

Stupid Perfect World

SCOTT WESTERFELD

Thinner Than Water

JUSTINE LARBALESTIER

Fan Fictions

GABRIELLE ZEVIN

Love Struck

MELISSA MARR



*Sleeping
with the
Spirit*

LAURIE FARIA
STOLARZ



Capítulo Um

Eu acordei suando frio – uma queda brusca, uma sensação que se estendia por toda minha coluna e fazia meus joelhos tremerem. Eu puxo as cobertas e cubro meus ombros, sentindo meu coração batendo rapidamente.

E percebo a dor em meu pulso.

Eu acendo a lâmpada de leitura e olho para o local. Outro leve hematoma - gigante vermelho que pega a parte da frente do meu pulso e segue para parte inferior. Então eu pego a caneta na mesinha de cabeceira e faço mais um registro na marcação que mantenho desde as duas semanas que mudamos para cá, para marcar a sexta vez que isso aconteceu.

Seis vezes.

Seis vezes que eu acordei com uma ferida em meu corpo.

Seis vezes que eu me encontrei mentindo que me despertava cama, demasiada aterrorizada para voltar a dormir.

Por causa da voz que assombra meus sonhos.

Desde que nos mudamos para cá, tenho tido estes esquisitos pesadelos. Neles, eu ouço uma voz masculina. Eu nunca vejo seu rosto. É apenas a sua voz, sussurrando coisas que eu não quero ouvir – que fantasmas existem, que eu preciso ouvi-lo, que ele não me deixará descansar até eu faça.

Felizmente, sou capaz de me fazer despertar. Mas isso é quando ele me domina tão forte que me deixa uma marca.

Eu sei que parece completamente louco e, em primeiro eu tentei encontrar alguma explicação lógica para, talvez eu tivesse torcido meu braço durante a noite, talvez eu tivesse batido a perna no canto da minha cama ou rolado em uma posição embaraçosa.

Tentei dizer a mim mesmo que os sonhos eram o resultado do estresse de ter de mudar - metade do país; mudança de escola e deixar todos os meus amigos pra atrás. Quer dizer, é um período de adaptação, certo?

Mas agora sei que é mais do que estresse. Porque, entre as contusões e as dores, e as crescentes olheiras debaixo dos meus olhos pela falta de sono, sinto-me como se as coisas fossem piorar.

"Brenda?" Minha mãe pergunta, de pé na porta do meu quarto. "O que está fazendo?"

Eu enterrar meu punho no monte de cobertas, percebendo como cheiro dele – como torta de maçã - ainda continua nas minhas cobertas.

"Você estava gemendo em seu sonho ", ela prossegue.



Eu olho para o número fogo-vermelho brilhante do meu relógio digital. São 4:05 "Um sonho ruim, eu acho", eu digo, tentando encolher os ombros para isso.

Ela concorda e brinca com o cinto de seu roupão, apenas persistente lá na porta, até que ela finalmente faz a pergunta: "Você não está ouvido vozes mais uma vez, está?"

Eu estudo seu rosto, perguntando se ela pode lidar com a resposta, mas decidi que ela não pode. Então eu agito minha cabeça, observando sua expressão mudando de ansiedade para alívio. Ela permite a respiração e força um sorriso, ainda remexendo com roupão dela, provavelmente pensando sobre a minha sanidade.

Mas isso está ok.

Porque eu pergunto sobre isso, também.

Esta não é a primeira vez que os meus pais me encontraram acordado nas primeiras horas da manhã. Este não é a primeira vez que se queixam de que eu gemia, ou me dão o olhar – o que diz que eu estou ficando louca.

Ou reparam em todos os meus machucados.

A primeira vez tinha uma em meu tornozelo - uma grande mancha roxa, forrada com uma mão cheia de arranhões. A noite que isso aconteceu, eu fui ao seu quarto, perguntando se eles podiam ouvir a voz, também, perguntando se alguém tinha entrado em nossa casa - talvez a voz não fosse parte de um sonho de todo.

Mas os meus pais disseram não, eles não tinham ouvido nada. Eles parecem especialmente preocupados depois do meu pai tinha verificado as coisas, mediante a minha insistência, como se fossem muito mais medo por mim do que comigo.

"Quer que eu te faça um leite quente?" Minha mãe pergunta agora.

"Não, obrigado", eu disse, ainda capaz de ouvir a voz de meu sonho. Isso brincava na minha orelha - um lento e rítmico hálito que empurra as duas sílabas do meu nome mais e mais e mais: *Bren-da, Bren-da, Bren-da.*

"Eu só quero voltar a dormir", eu menti, recuperei um vislumbre de mim no espelho da penteadeira. Meus normalmente brilhantes olhos verdes estão cheios de com veias de cor vermelha. E meu cabelo é uma bagunça - um emaranhado ruivo de desordeiros cachos alto em cima de minha cabeça em um rabo de cavalo desleixado, porque eu não posso realmente ter de lidar com o estilo de minha juba.

Porque eu não tenho obtido uma noite inteira de sono, uma vez desde que mudamos para cá.

"Boa noite, mãe", eu sussurro, e a mentira volta sobre mim e meus travesseiros, então ela vai voltar para a cama. Eu puxo o cobertor ao longo de meus ouvidos e silenciosamente cantarolo um pouco de música dentro da minha cabeça, na esperança de que irá me acalmar.

Na esperança de que irá afogar a sua voz.



Capítulo Dois

No dia seguinte na escola, Monsieur DuBois, meu professor de francês, nos colocou em pares para treinarmos um diálogo. Eu fazia Isabelle, enquanto Raina, minha dupla, era Marie-Claire. Nós começamos conversando sobre nossos hobbies e matérias da escola e então, quando o Monsieur parecia muito preocupado enquanto ele colocava na parede figuras de vários tipos de queijos franceses – e Raina e eu tivemos de rever os limites de nosso vocabulário em francês – ela me disse (em inglês) que no ano passado, em meados de dezembro, bem antes do baile do segundo ano, ela era a menina nova, também.

“É uma droga quando você precisa deixar toda a sua vida para trás,” ela disse, transformando seu cabelo escuro numa longa, fina trança ao lado de sua cabeça.

Eu concordei, pensando em meus amigos em casa, querendo que eles estivessem bem aqui agora.

E se eles sentem a minha falta, também.

“Então, eu percebi que você não está com ninguém,” Raina continuou. “Eu vi você sentando sozinha na cafeteria outro dia. Isso é um suicídio social, você sabe. Se não tratada, pode te levar ao atropelamento social.”

“Atropelamento Social?”

Ela concordou, ainda mexendo no cabelo dela, tentando ajeitar todas as camadas, apesar de ter tantas presilhas ela tentava adornar o topo de sua cabeça. “É matar sua vida social – isso ficará marcado em sua vida escolar, especialmente no meio do ano, você sabe. Todo mundo já pertence a uma panelinha.”

“Panelinha?”

“Sim,” ela disse, seus olhos castanhos adquiriram um brilho como se isso fosse algo grande, chocada pelo fato de seu linguajar - especialmente quando deveríamos estar falando em nossa língua natal agora¹. “Todo mundo já anda com alguém,” ela explicou. “Pessoas verão você como perdedora. Eu penso, ao menos que você *queira* ficar sozinha...”

“Eu não tenho exatamente pensado muito sobre isso.”

“Bem, você *deveria*,” ela disse. “Porque não há muito tempo.”

Eu senti meu rosto enrubescer, enquanto pistas da filosofia dela eu tentava entender eu seu vocabulário.

“Quer *minha* opinião?” ela perguntou.

¹ Lembrando que elas estão na aula de francês e deveriam estar falando a língua e não inglês.



Eu abri a boca para mudar de assunto, para perguntar sobre o próximo dever de casa, mas então Raina me deu sua opinião de qualquer jeito: “Porque se mudar de East Burn Suck, Massachusetts, que leva em torno de uma hora e doze minutos vindo de Boston...? Num dia bom, claro. Resumindo: Você totalmente deveria andar comigo e Craig.”

Ao mesmo, um rapaz de cabelos castanhos espetados e rosto branco, quem eu presumi que fosse Craig, deslizou para seu assento. “Será que alguém me chamou?”

“Craig, Brenda; Brenda, Craig,” ela disse nos apresentando.

“Enchanté,” Craig disse, fazendo uma falsa pronuncia em francês. “Mas meu nome é Jean-Claude até o sinal tocar.”

Raina rolou os olhos e então deu a Craig todo resumo da minha situação, transformando meu status de criança nova numa análise social. De acordo com ela, eu teria somente mais uma semana, no máximo, então meu status solitário seria permanente.

“Não ligue para Raina,” Craig disse, percebendo claramente meu desconforto. “Ela tende a levar tudo para o lado político-social.”

“*Que seja...*” Raina disse, prendendo um elástico em sua trança, tendo apenas finalizado isso. “Você sabe que eu estou totalmente certa.”

Craig deu de ombros e voltou o foco para mim. “Então, o que você diz? Mesa para *trois*, começando amanhã?”

“Você é uma droga de queijo fedido,” Raina disse, sem dúvida se referindo ao seu francês.

“Soa legal.” Eu sorri, notando que essa era a primeira vez que eu me sentia normal desde que eu me mudei para cá.



Capítulo Três

Lu estava no meu quarto quando o relógio debaixo das escadas soou 11:00 pm, mas eu não queria ir dormir. Eu corri meus dedos pelo meu pulso, percebendo como a marca vermelha tinha se transformando num tom profundo de roxo, e como o nó no meu estômago se tornava maior a cada momento.

Eu tinha feito todos meus deveres de casa, tomado meu banho, e colocado meus livros na estante em ordem alfabética, tentando duramente me manter acordada, mas após um comercial de meias-calças, uma mini-maratona de *Cops*², e mais de uma hora de QVC jewelry³, e me senti pronta para dormir.

Até que eu ouvi a batida na minha porta.

“Entre,” eu disse, assumindo que fosse minha mãe. Ela as vezes gostava de me checar durante a noite.

Mas a porta não abriu.

Eu sentei em minha cama e acendi a luz do abajur.

“Mãe... é você?”

Sem resposta.

Eu deixei sair um suspiro e me levantei e me encaminhei até a porta. Eu tentei a maçaneta, mas ela não abriu, como se estivesse trancada por dentro.

“Mãe?” eu repeti, ainda tentando forçar a maçaneta. Eu bati na porta, esperando capturar a atenção dos meus pais.

Mas nenhum deles vieram. E a maçaneta não abria.

“Brenda,” a voz sussurrou de algum lugar na minha frente. A voz *dele* – de um dos meus sonhos.

Eu me virei para olhar, meu coração estava acelerado.

“Você está pronta para conversarmos?” sua voz continuou.

Eu pesquisei pelo quarto, mas eu não o encontrei em lugar nenhum. Todavia tudo parecia diferente agora. Minha cama estava com uma coberta azul marinheiro onde antes tinha uma colcha rosa. E medalhas de nataçao e hockey que estavam nas minhas paredes – as que eu tinha ganho há cinco anos atrás – tinham sido substituídas por memórias de coisas de esportes: bandeiras, tacos de hockey, e pôsters.

² Seriado americano.

³ Acredito ser aqueles comerciais que vendem jóias, tipo o Mil e Uma Noites.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

